



SISTEMA DE TREINO INTENSIVO

1^a PARTE
DAR ENTREVISTAS
EM SESSÃO

B - Curso de TRs 1



CURSO DE DAR ENTREVISTAS EM SESSÃO

Este curso fornece os dados essenciais teóricos e práticos sobre a audição e tem como produto um auditor que seja capaz, no mínimo, de dar sessões constituídas por entrevistas ou perguntas do C/S.

É constituído pelas seguintes partes:

<i>A - Curso de Orientação I</i>	<i>Volume A</i>
<i>B - Curso de Trs 1</i>	<i>Volume B</i>
<i>C - Curso de E-Metro 1</i>	<i>Volume C</i>
<i>D - Bases de Audição 1</i>	<i>Volume D</i>
<i>E - A escrita do Auditor</i>	<i>Volume E</i>
<i>F - A Folha De Avaliação Inicial</i>	<i>Volume F</i>

REQUISITOS: ST0 (Método Um de Clarificação de Palavras é recomendado.)

CERTIFICADO: AUTORIZAÇÃO PARA DAR ENTREVISTAS EM SESSÃO.

Índice

<i>B - Curso de TRs 1 - Checksheet</i>	3
DADOS FUNDAMENTAIS SOBRE OS TRs	5
Os Problemas do Trabalho	10
Dianética 55 – Capítulo 7	15
AXIOMA 28 EMENDADO	24
A MAGIA DO CICLO DE COMUNICAÇÃO	24
EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS	25
COMO LIDAR COM ORIGINAÇÕES	31



SISTEMA DE TREINO INTENSIVO

1^a PARTE

ENTREVISTAS EM SESSÃO

(Pré-requisito: 1^a Parte A)

NOME: _____ DATA INÍCIO: _____

B - Curso de TRs 1 - Checksheet

<u>Lista de Ações:</u>	Estudante	Supervisor	
2.1 - B.24/12/79 : Dados fundamentais sobre os TRs	_____	_____	
2.1a - Plasticina: Porque se exercitam os TRs?	_____	_____	
2.2 - Problemas do Trabalho: Cap.6- A,R e C	_____	_____	
2.2a - Plasticina: O triângulo de ARC mostrando as relações entre A, R e C e como levam à compreensão	_____	_____	
2.3 - Dianética 55: Cap.7- A Comunicação	_____	_____	
2.3a- Plasticina:			
a) A comunicação: origem	_____	_____	
b) A comunicação: recepção	_____	_____	
c) A definição de Aberração	_____	_____	
d) O que pode suceder se um ciclo de comunicação estiver incompleto:	_____	_____	
e) Como a duplicação está ligada a um ciclo completo de comunicação:	_____	_____	
2.4 - B.5/4/73R : Axioma 28 Emendado	_____	_____	
2.4a - Plasticina: O ciclo de comunicação na sua integridade e o seu resultado quando é inteiramente aplicado	_____	_____	
2.5 - B.23/5/71R : A Magia do Ciclo de Comunicação	_____	_____	
2.6 - B.16/8/71RA II : Exercícios de Treino Modernizados	_____	_____	
2.7 - B.30/3/73 : Etapa 4- Como Lidar com originações	_____	_____	
2.7a - Exercitar os TRs até pass. do Supervisor:			
OT TR0	_____	TR2	_____
TR0	_____	TR2 1/2	_____
TR0 ESPICAÇADO	_____	TR3	_____
TR1	_____	TR4	_____



Declaro compreender e saber aplicar tudo o que aprendi ao longo deste programa, esclareci todas as incompreensões e treinei as ações até à perfeição.

O Estudante

Declaro que este estudante está apto a aplicar as ações treinadas neste nível e tem autorização para o fazer .

O Supervisor

Data



B de 24 de Dez de 1979

DADOS FUNDAMENTAIS SOBRE OS TRs

Os TRs estiveram sob estudo e orientação durante este último ano porque, por esta altura no ano passado tornou-se demasiado óbvio, através das gravações em vídeo dos TRs de grupos especiais de auditores, assim como aqueles de Cursos de TRs orientados, que os estudantes pareciam ter-se tornado incapazes de dominar os TRs.

Isto apresentava um mistério, pois eu sempre consegui ensinar efectivamente os TRs em cerca de uma semana, mais dia menos dia. Uma vez que o estudante tenha dentro os seus básicos, o que há a fazer é, simplesmente, pôr o estudante a FAZÊ-LOS, porque os TRs não são um acto de "pensar" nem um acto subjectivo; eles são exercícios práticos do ciclo de comunicação. Não existe nada de subjectivo acerca deles. Os TRs são uma condição de fazer.

Mas de repente tivemos grupos inteiros de auditores incapazes de dominar estes exercícios.

O que é que tinha acontecido ao ensino dos TRs?

Foram gastos muitos meses para isolar exactamente o que estava errado e agora tudo se resumiu a estes factores:

1. Tinhiam sido retirados os TRs duros.
2. Tinha-se omitido a fórmula da comunicação em plasticina.

Estes foram os grandes pontos de mudança e sempre que estes dois foram omitidos, mais ninguém era capaz de fazer TRs. Ninguém consegue dominar os TRs sem se familiarizar com o ciclo de comunicação. Ninguém consegue dominar os TRs com exercícios permissivos, feitos a brincar. Conseguem-se os TRs dentro, praticando-os no DURO.

Uma coisa é ensinar TRs Duros ao público verde e outra coisa é fazer um auditor. As pessoas que estudam para serem auditores têm de ser feitos auditores. Pode-se e deve-se ensinar Cursos moderados de TRs na Divisão 6, mas tratando-se de fazer auditores nada substitui os TRs Duros.

Algures ao longo da linha retirou-se a prática de fazer a fórmula da comunicação em plasticina. Isto deixava o estudante sem o mínimo conceito

da razão de se fazerem os TRs. A fórmula da comunicação é uma descoberta da Cientologia e quando é omitida do ensino o estudante sofre de falta de básicos. Portanto a omissão de fazer a fórmula da comunicação em plasticina num Curso de TRs foi fatal.

Encontraram-se outros três factores adicionais que ainda mais influenciaram a cena:

3. Os auditores-estudantes não tinham uma real compreensão do triângulo ARC. Assim, a Comunicação deles estava presa porque a Afinidade e Realidade e portanto a Compreensão, eram deficientes.
4. A falta de genuinidade da checksheet dos TRs tinha proporcionado que toda a espécie de dados falsos entrasse no assunto.
5. A ignorância do fenómeno final de um Curso de TRs, ou por que razão eles estavam a fazer TRs.

O resultado do trabalho de estudo e orientação e de isolamento destes factores, culminou agora num Curso completo e final de TRs que será em breve emitido na forma de livro inalterável.

Entretanto este boletim está a ser emitido como uma acção de retenção tornando amplamente conhecidos estes erros e omissões no ensino e prática de TRs, para que possam ser remediados de imediato onde quer que estejam a ser ensinados TRs para auditores.

CHECKSHEET OMITIDA E DADOS FALSOS

Desde que foi cancelada a PL-24/05/71, O CURSO DE TRs PROFISSIONAIS, não houve nenhuma verdadeira checksheet de TRs, completa com os básicos de comunicação e a teoria da comunicação onde se fundamentam os TRs. Nisto residiu uma enorme falta de básicos. Os TRs aparecem em várias checksheets enquanto exercícios, por vezes acompanhados de alguns boletins, mas omitido foi qualquer estudo completo preliminar sequente da teoria em que os TRs se baseiam.



Eis que tínhamos um curso sem checksheet, o que possibilitou que penetrassem dados falsos de todos os quadrantes. E penetraram. Não que as pessoas estivessem propositadamente a meter dados falsos no assunto. O que simplesmente não havia era uma checksheet padrão que levasse o estudante através dos dados verdadeiros, e só dos dados verdadeiros, nos básicos simples (o triângulo ARC e a fórmula da comunicação) que sustentam os TRs e os exercícios de TRs propriamente ditos. Com uma situação destas, toda a espécie de dados falsos podem entrar numa área. E isso foi exactamente o que se encontrou. Quase de um para um, todos os estudantes que vieram fazer cursos orientados especiais, que decorreram neste último ano, foram corridos com dados falsos, vários tipos de "pensar", imaginações e alterações da técnica de TRs.

Alguns BTBs e BPLs acerca deste assunto contribuíram para este cenário e perpetraram realmente a técnica incorrecta nesta área, e eles já foram cancelados, pelo título específico, pelo B-23/9/79, CANCELAMENTO DE BTBs E BPLs DESTRUTIVOS SOBRE TRs, o qual enumera e corrige as faltas que aquelas emissões introduziram.

Um melhor tratamento é dar ao estudante dados verdadeiros sobre comunicação e TRs, como consta no capítulo sobre ARC em *Problemas do Trabalho e Os Fundamentos do Pensamento*, no capítulo sobre comunicação em *Dianética 55!* e no B-16/8/71R, TRs MODERNIZADOS. Enquanto ele estuda isto, cava-se e extirpam-se os dados falsos acumulados sobre o assunto ou exercício, usando a PL-7/8/79, EXTIRPANDO DADOS FALSOS.

Onde existirem dados falsos sobre um assunto eles vão colidir directamente contra os dados verdadeiros, e até que este conflito estoire por Extirpar Dados Falsos, a pessoa pode ser intreinável no assunto.

Assim este instrumento da técnica totalmente novo, Extirpar Dados Falsos, é e tem sido tremendamente útil na correcção das falhas de TRs e em assegurar o treino correcto dos TRs.

A propósito poderia dizer-se que o assunto mais falso no planeta neste momento é a psicologia porque a missão de um psicólogo é a de um governo: tornar a população em zombies controláveis. O assunto está a ser ensinado nas escolas cada vez mais cedo, e muitos dos vossos estudantes e mesmo Supervisores foram sujeitos a esta propaganda e dados falsos acerca do Homem e da mente. Lembro-me que as pessoas

que demoraram mais tempo a terminar os Cursos de TRs eram psicólogos profissionais. A base disto é dados falsos, eles estão carregados deles. Não é que a psicologia ensine alguma coisa acerca de comunicação (eles nunca tinham ouvido falar nisso até nós aparecermos) mas é só que eles têm tantos dados falsos acerca da vida que de facto não podem estudar ou exercitá-los nenhum assunto sobre a vida, tal como Cientologia. Talvez se sinta necessidade de limpar isto. Isto evita horríveis lentidões nos Cursos de TRs. Claro que isto não é uma acção para ser feita no curso, antes seria feita em Revisão.

A FÓRMULA DA COMUNICAÇÃO EM PLASTICINA

Os TRs são exercícios sobre as várias partes da fórmula da comunicação.

Este dado fundamental parece ter-se tornado obscuro nos últimos anos. Aparentemente, para muitos os TRs eram considerados como sendo exercícios que eram feitos só para se fazerem exercícios, apenas com uma vaga ideia subjacente do seu real uso ou aplicação, ou de como estão relacionados com audição e uma sessão de audição.

A verdade da questão é que os TRs são simplesmente os exercícios que habilitam uma pessoa a polir e a aperfeiçoar o seu ciclo de comunicação.

Mas se, antes do mais, não se souber o que é o ciclo de comunicação, se não se estiver completamente familiarizado com a fórmula da comunicação, os TRs, como exercícios, não vão fazer muito sentido. Os exercícios tornam-se uma luta porque nem sequer se sabe o que se está a tentar manejar.

Portanto, uma das primeiras coisas que o estudante de TRs precisa ter é um profundo entendimento da fórmula da comunicação.

A forma de aprender a fórmula da comunicação é fazê-la em plasticina. Isso define-a, põe-na ali no universo físico para ele. Demonstrando a fórmula da comunicação, todas as suas partes, em plasticina, ele realmente verá como funciona. Torna-se real para ele. Agora ele sabe o que está exercitando.

Infelizmente, com o cancelamento da Checksheet de TRs de 24/5/71, a acção básica de demonstrar a fórmula da comunicação em plasticina foi abandonada e com ela o verdadeiro entendimento do uso dos TRs tornou-se obscuro para muitos.



Representar a fórmula da comunicação em plasticina é agora firmemente reinstalado como um passo preliminar vital para o exercício dos TRs.

O USO DO TRIÂNGULO ARC

Mesmo antes da compreensão da fórmula da comunicação vem uma compreensão do triângulo ARC. Agora estamos a ficar com mais bases.

Ao rever inúmeras gravações em vídeo de TRs durante o ano que passou, isto apareceu como um factor técnico muito interessante. Era de facto um defeito técnico muito interessante. Estudei e voltei a estudar os vídeos destas sessões falhadas de TRs para encontrar um denominador comum a todos eles, e finalmente descobri-o. O que vi foi que eles estavam a especializar-se em "C", comunicação, no triângulo ARC. Estavam a especializar-se em "C" mas o que estava fora era o seu "A" (afinidade) e "R" (realidade) e o seu "C" estava a ser cravado, era tudo quanto se conseguia, porque eles não ligavam importância aos seus "A" e "R".

Como resultado, eles não podiam *Compreender* nada do que o outro tipo estava a dizer. A maior parte das gafes eram nesta base. Eles não tinham ali nenhum pc, eles não escutavam o que o pc dizia, o ARC estava lá para baixo.

A pessoa fica presa se não usar todo o triângulo ARC. Pode-se subir o nível da comunicação mas então tem de se subir a realidade e então tem de se subir a afinidade e então tem-se alguma compreensão. Só então se pode continuar a melhorar cada ponto do triângulo.

Na maioria daqueles vídeos eles estavam presos, com a comunicação a ser aumentada só um pouco, e mais nada, porque eles não estavam ao mesmo tempo a aumentar os níveis de afinidade e realidade. Por isso eles não avançavam nem melhoravam.

O tratamento é assegurar-se que o estudante tenha uma compreensão profunda do triângulo ARC e do seu uso antes de se agarrar aos TRs

Consegue-se isto fazendo com que o represente em plasticina, usando os capítulos sobre ARC de *Os Fundamentos do Pensamento* e *Os Problemas do Trabalho* e o Capítulo VII de *Dianética 55!*

Quando ele souber como A e R e C se interrelacionam e como são usados para causar

Compreensão, estará então preparado para de facto agarrar a fórmula da comunicação. E quando estiver bem familiarizado com a fórmula da comunicação pode exercitar os TRs e polir o seu próprio ciclo de comunicação e melhorar com relativa facilidade.

TRs DE MANEIRA DURA

Quando os TRs de Maneira Dura deixaram de ser usados e entraram em cena os TRs permissivos, os resultados foram auditores menos competentes e menos ganhos de caso para os pcs.

Os TRs de auditores têm de ser ensinados áspera, dura e firmemente. Isto não significa exercício ou treino ou supervisão invalidativa. Isto significa que se põe o estudante a FAZER os TRs. Ele tem de exercitar os TRs, não imaginar outras coisas sobre eles ou mergulhar dentro do seu caso para os evitar.

TRs de Maneira Dura significa treino e supervisão rigorosos, vigilantes no gradiente adequado. Cada botão encontrado no estudante é aplanado antes de ser deixado. São dadas falhas quando os estudantes falham. E quando falha volta a fazer de novo e exercita-o até entrar.

Ensinam-se e exercitam-se os TRs segundo o B-16/8/71R, EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS, e segundo os avisos no B-23/9/79, CANCELAMENTO DOS BTBs E BPLs DESTRUTIVOS SOBRE TRs. O estudante é treinado para ganhos, não para perdas. Assegure-se que ele comprehende o exercício e depois é uma questão de ele o FAZER. É uma questão de o manter nisso, fazê-lo passar por isso, independentemente de que botões apareçam para ser aplanados, até que ele domine cada Tr e possa manejá-lo qualquer ciclo de comunicação à vontade.

TRs permissivos, piegas, de brincadeira não têm lugar no treino de um auditor nem num Curso genuíno de TRs. Um estudante que não domine os seus TRs não dominará nada do treino que se lhes segue. A forma de dominar os TRs é exercitá-los de maneira dura. São os TRs Duros que fazem um auditor. (Chega-se melhor ao gradiente dos TRs fazendo o Curso HAS, onde o Cientologista tem o primeiro sabor de como se maneja a comunicação na sua vida de todos os dias e na vida).

Uma vez que o estudante se tenha treinado profundamente nos básicos: ARCU e a fórmula da comunicação, com todos os dados falsos extirpados, e depois treinado nos TRs de Maneira Dura, até à perfeição, ver-se-á ele alcançar com



grande êxito um ciclo de comunicação suave e perfeito. E não demora nem um ano nem mesmo meses a consegui-lo.

O FENÓMENO FINAL DOS TRs

Como os estudantes realmente não tinham nenhuma ideia acerca da fórmula da comunicação, devido à omissão do requisito de a fazerem em plasticina e aprendê-la, eles claro que não sabiam para onde iam. Ouviu-se um surpreendente número de estudantes a fazer observações estúpidas do género: "Nunca irei usar os TRs em audição." o que é o mesmo que dizer: "Nunca irei usar comida quando comer."

Praticamente nenhum estudante nos Cursos de TRs tinha qualquer ideia do porquê estarem a fazer TRs ou o que é que tinha de ser alcançado para ser um produto acabado de um Curso de TRs. Isto, infelizmente incluía os Supervisores e claro os treinadores. Portanto havia ali toda a espécie de ensino e treino disparatado, invalidativo e avaliativo. Se eles não sabiam para onde iam e qual era o fenómeno final de um Curso de TRs, claro que não podiam treinar um estudante nesse sentido e assim os Cursos de TRs que deveriam levar uma ou duas semanas levava meses e meses de atrapalhações devido a treino deficiente e principalmente críticas destrutivas que não levavam a lado nenhum.

A instrução e treino não se baseiam em opiniões. Deveriam basear-se em produzir o fenómeno final.

O PRODUTO FINAL VALIOSO PRIMÁRIO dos TRs é:

Um auditor profissional que só com o manuseio da comunicação pode manter o pc interessado no seu próprio caso e a querer falar com o auditor.

O PRODUTO FINAL VALIOSO SECUNDÁRIO dos TRs é:

Uma pessoa com a sessão e presença social de um auditor profissional e essa presença pode ser resumida em um ser que pode manejar qualquer um só com comunicação e cuja comunicação

pode enfrentar impecavelmente qualquer sessão ou situação social mesmo adversa.

O FENÓMENO FINAL dos TRs é:

Um ser que sabe que, a partir de agora e para sempre, pode executar ambos os pontos acima impecavelmente.

Este é o Fenómeno Final e essa é a direcção que toda a instrução e treino têm de tomar. Cada TR tem de estar dentro segundo o padrão acima referido.

Como sabemos a fórmula da comunicação, e como os TRs fazem parte dela, pode-se chegar ao fenómeno final relativamente rápido. É que, pela primeira vez na história do homem, sabemos a fórmula da comunicação que torna possível treinar pessoas nela e produzir aquele fenómeno final. Este era o ponto fundamental que faltava, e estava-se a tentar produzir alguma coisa. Se não se souber o que se está a tentar produzir, isso pode durar para sempre, não é?

Existe um factor que pode efectivamente bloquear uma fácil passagem por este treino, básicos ou não básicos. Não se conseguirá que uma pessoa carregada de drogas agarre estes dados e consiga sair-se bem, com qualquer tipo de resultado, até que tenha tratado as suas drogas.

Tem agora o Percurso de Purificação para tratar isso, ao mesmo tempo com Objectivos e o Percurso de Drogas. Com este novo e fantástico percurso, que é uma abertura para todo o treino e processamento, temos os meios para tornar treinável o aparentemente intreinável.

RESUMO

Queria que soubessem o que aconteceu, respeitante ao estudo e treino dos TRs, durante este último ano, e quais os óbices que foram descobertos. Todos os pontos que foram levantados neste boletim estão agora resolvidos. Vão ter um Curso de TRs profissionais completo emitido sob forma de livro num futuro próximo.

Entretanto, os materiais para treinar estudantes nos TRs existem e estão disponíveis e fazem-no muito eficazmente.

Portanto, esta edição é a autorização para incluir em qualquer checksheet existente, que exija TRs de auditor, os materiais e acções aqui incluídos.



Os dados estão a ser fornecidos para uso imediato.

L. Ron Hubbard

Por isso espero que se façam colheitas de auditores com TRs impecáveis!

Isso pode conseguir-se pondo dentro os cinco pontos mencionados unicamente neste boletim.



Os Problemas do Trabalho

Cap. VI – Afinidade, Realidade e Comunicação

Há três factores em Cientologia que são os mais importantes no controlo da vida. Estes três factores respondem às perguntas: Como devo falar às pessoas? Como posso vender coisas às pessoas? Como posso dar novas ideias às pessoas? Como posso descobrir o que as pessoas estão a pensar? Como posso melhorar o meu trabalho?

Em Cientologia chamamos a estes factores o triângulo ARC. Chama-se triângulo porque tem três pontos relacionados uns com os outros. O primeiro destes pontos é a afinidade. O segundo é a realidade. O terceiro e o mais importante é a comunicação.

Estes três pontos estão intimamente relacionados. Por afinidade entendemos a resposta emocional. Queremos dizer a sensação do afecto ou da falta dele, da emoção agradável ou não, ligada à vida. Por realidade entendemos os objectos sólidos, as coisas *reais* da vida. Por comunicação entendemos o intercâmbio de ideias entre dois pólos. Sem afinidade não há realidade ou comunicação. Sem realidade não há afinidade ou comunicação. Sem comunicação não há nem afinidade nem realidade. Então, estas são afirmações gerais, mas no entanto muito valiosas e válidas.

Já alguma vez tentou falar com um homem zangado? A comunicação de um homem zangado está num nível tal de desequilíbrio que afasta qualquer contacto. Por conseguinte, o seu factor de comunicação é muito baixo, não obstante muito ruidoso. Ele está a tentar destruir alguma coisa ou qualquer outro contacto, por isso a sua realidade é muito pobre. Da mesma maneira, a causa da sua ira não é aparentemente o que o irrita. Um homem zangado não é verdadeiro.

Assim, pode-se dizer que a sua realidade, mesmo quando pretende expressar-se, é pobre.

Deve haver uma boa afinidade (o que significa afeição) entre duas pessoas antes de serem muito reais uma com a outra (e realidade deve aqui ser usada como uma graduação, com algumas coisas mais reais do que outras). Deve haver boa afinidade entre duas pessoas antes de elas poderem falar entre si com verdade ou confiança. Antes de duas pessoas poderem ser sinceras uma com a outra deve haver alguma comunicação entre elas. Devem pelo menos verem-se, o que já é uma forma de comunicação. Antes de duas pessoas poderem sentir qualquer afinidade entre elas devem até certo ponto ser sinceras.

Estes três termos estão interligados, e quando um falha os outros dois falham também. Quando um aumenta os outros aumentam também. É apenas necessário melhorar um vértice deste precioso triângulo em Cientologia para melhorar os dois restantes. Basta melhorar dois vértices do triângulo para melhorar o terceiro.

Para vos dar uma ideia de uma aplicação prática disto, temos o caso de uma jovem que abandonou a casa dos pais e estes juraram que nunca mais lhe falariam. A rapariga, como empregada num escritório, estava bastante desesperada e executava mal o seu trabalho. Um cientologista, que lhe prestou atenção a pedido do gerente, marcou-lhe uma consulta e descobriu que os pais ficaram tão zangados com a sua saída que nunca mais queriam comunicar com ela. Eles mostraram-se tão chocados com a sua recusa (na realidade a sua incapacidade) de continuar uma carreira como pianista, para a qual a tinham treinado com grandes despesas, que «dai lavaram as suas mãos», e o desentendimento forçou-a a sair de casa para longe. Desde essa altura não comunicaram mais com ela, mas falaram com pessoas que a conheciam da vizinhança em termos bastante duros em relação a ela. Num estado de espírito destes, desde que ela se encontrava intimamente comprometida com os pais e desejava estar nas melhores relações com eles, não conseguia trabalhar. O seu fracasso no trabalho estava bloqueando a sequência de comunicação no seu próprio escritório. Por outras palavras, a sua afinidade era muito baixa e a sua realidade das coisas era muito baixa também, dado que se podia dizer estar distraída a maior parte do tempo, e portanto as comunicações que passavam pelas suas mãos eram igualmente baixas e bloqueavam completamente outras linhas de comunicação no escritório, e é nesta altura que este assunto se toma de muito interesse para o gerente. Assim, o que normalmente aconteceria no mundo do trabalho era o gerente ter de despedi-la e procurar outra rapariga. Mas na altura era difícil recrutar pessoal e o gerente sabia que poderia fazer algo por ela. Chamou um cientologista.

Como o cientologista conhece bem este triângulo ARC, fez a coisa mais comum para um cientologista – o que aparentemente resultou em pleno no que se refere à rapariga. Ele disse-lhe que devia escrever aos pais –



independentemente do facto de lhe responderem ou não – e ela assim fez. Naturalmente não houve resposta. Por que razão não houve resposta dos pais? Bem, como a rapariga lhes desobedeceu e saíra do seu controlo, aparentemente não estava mais em contacto com eles. Estes pais não a consideravam real. Na realidade, ela não existia em relação aos pais. Eles tinham-no afirmado a si próprios. Tentaram na verdade tirá-la das suas vidas desde que ela constituiu um desapontamento. Portanto, não sentiam qualquer emoção por ela, a não ser talvez uma espécie de apatia. Foram incapazes de controlá-la, e assim ficaram insensíveis em relação a ela, desde que tinham falhado em controlá-la. Nesta fase, os pais estavam numa apatia mal humorada em relação a ela e era como se não existisse para eles. Na realidade, como eles a tinham iniciado numa carreira que não podia completar, a rapariga não podia ter sido muito real para eles, pois a carreira excedia, sem dúvida alguma, as capacidades dela. Assim, o cientologista levou-a a escrever uma carta. Esta carta apontava, como se diz em Cientologia, «bons caminhos e bom tempo». A rapariga dizia que estava a trabalhar em tal cidade, que o tempo estava bom, que estava passando bem e esperava que ambos estivessem também bem, e mandava-lhes saudades. Cuidadosamente, a carta não tocava nos problemas ou actividades antes da sua saída de casa. O “A” da carta, a afinidade, era muito elevado; o “C” estava presente. O que o cientologista estava a tentar fazer era estabelecer o “R” da realidade: a realidade da situação de a rapariga estar numa outra cidade e a verdadeira realidade da sua existência no mundo. Ele sabia que ela se sentia comprometida com seus pais e que se eles não a consideravam real, ela não existia para si própria. Obviamente que os pais não responderiam a esta primeira carta, mas o cientologista levou a rapariga a escrever novamente.

Após quatro cartas, todas elas dizendo mais ou menos a mesma coisa e ignorando completamente a ideia de que não tinha havido qualquer resposta, veio subitamente uma carta da mãe, na qual se mostrava zangada, não com a rapariga mas com uma das suas antigas amigas. A rapariga, orientada, foi ajudada pelo cientologista, que não lhe permitiu explodir por meio da linha de comunicação, mas persuadi-la a escrever uma carta surpreendida e agradável, expressando a sua felicidade por ter recebido notícias da mãe. Após estas duas cartas veio uma do pai e outra da mãe, ambas muito afectuosas, esperando que ela estivesse bem. É claro que a rapariga lhes responderia muito alegremente, e isto teria sido completamente conciliador se o cientologista a tivesse autorizado. Em vez disso, escreveu a cada um deles uma carta agradável, e em resposta recebeu mais duas, ambas felicitando-a muito por ter arranjado um emprego e encontrado uma coisa na qual se estava realizando, pedindo-lhe que dissesse para onde gostaria que lhe mandassem as suas roupas e mesmo uma pequena quantia para a ajudar a manter-se na cidade. Os pais já tinham começado a planejar a nova carreira da filha, que estava na ordem directa do que a rapariga podia fazer na vida –esteno-dactilografia.

Com certeza que o cientologista sabia exactamente o que iria acontecer. Sabia que a sua afinidade e realidade regressariam e a realidade, a afinidade e o poder de comunicação da rapariga no escritório voltariam tão cedo esta situação fosse resolvida. Ele utilizou a comunicação, expressando afinidade, e isto, é claro, como acontece sempre, produziu o efeito. O trabalho da rapariga subiu, começou a progredir, e agora que a sua sensação de realidade estava suficientemente elevada, tornou-se na realidade uma empregada muito valiosa.

Provavelmente a razão pela qual o triângulo ARC esteve tanto tempo por descobrir foi o facto de uma pessoa que num estado de apatia reage através de vários estados. Estes estados são bastante uniformes; um segue o próximo, e as pessoas animam-se *sempre* através destes estados, um após outro: estes são os estados de afinidade, e a escala dos estados emocionais da dianética e Cientologia é provavelmente a melhor forma possível de predizer o que vai acontecer em seguida ou o que a pessoa realmente irá fazer.

A escala de estados emocionais começa bastante abaixo da apatia. Por outras palavras, uma pessoa não sente qualquer emoção acerca de um assunto qualquer. Um exemplo disto foi a atitude americana relativa à bomba atómica; algo acerca disto e que devia ter sido muito preocupante estava tão longe da sua capacidade de controlar como de acabar com a vida que ficaram abaixo da apatia em relação a isso. Nem tão-pouco sentiram que estavam perante um grande problema. Os Americanos que actuaram neste caso particular, tiveram de ser manipulados durante mais tempo, até começarem a sentir-se apáticos acerca da bomba atómica. Isto foi realmente um avanço sobre o sentimento de qualquer não emoção de um assunto que os devia ter preocupado intimamente. Por outras palavras, em muitos assuntos e problemas, as pessoas estão realmente bem abaixo da apatia. Então a escala de estados emocionais começa numa completa e inútil inacção muito abaixo da própria morte. Subindo nessa escala encontramos o nível da morte física, a apatia, o desgosto, o medo, a ira, o antagonismo, o aborrecimento, o entusiasmo e a serenidade, por esta ordem. Há muitas pequenas graduações entre estes estados, mas conhecendo-se tudo acerca dos seres humanos, deve conhecer-se forçosamente estas emoções particulares. Uma pessoa que está em apatia, à medida que o seu estado melhora, sente-se magoada. Uma pessoa magoada, à medida que o seu estado aumenta, sente medo. Uma pessoa com medo, à medida que o seu estado aumenta, sente hostilidade. Uma pessoa hostil, à medida que o



seu estado aumenta, sente antagonismo. Quando uma pessoa aborrecida aumenta o seu estado, fica entusiasmada. Quando uma pessoa entusiasmada aumenta o seu estado, sente serenidade. Na realidade, o nível baixo da apatia é tão baixo que constitui um estado de espírito e não afinidade, não emocional, sem problemas, sem consequências, em coisas que na realidade são muito importantes.

A área abaixo da apatia é uma área sem dor, sem interesse, sem existência ou outra coisa qualquer que não interesse a ninguém, mas é uma área de perigo sério desde que se está abaixo do nível de ser capaz de responder a qualquer coisa e possa consequentemente perder tudo sem aparentemente o notar.

Um trabalhador que está numa condição muito má e que está realmente numa dependência para a organização, pode não ser capaz de sentir a dor ou qualquer emoção sobre o que quer que seja. Está abaixo da apatia. Temos visto trabalhadores que se ferem na mão e que acham que não é nada e continuam a trabalhar ainda que a mão esteja bastante ferida. As pessoas que trabalham em postos de socorros, em áreas industriais, ficam algumas vezes muito surpreendidas ao descobrirem que alguns trabalhadores ligam tão pouco aos seus próprios ferimentos. É espantoso que as pessoas que não ligam aos seus ferimentos e que nem sequer sentem dores causadas por eles, não sejam nem nunca serão eficientes sem a atenção de um cientologista. São dependentes, a manter. Não reagem devidamente. Se uma dessas pessoas estivesse a trabalhar com uma grua e esta subitamente se avariasse e descarregasse a sua carga sobre um grupo de homens, aquele operador da grua, sub-apático, deixaria simplesmente que a grua largasse a sua carga. Por outras palavras, ele é um assassino potencial. Não consegue parar coisa nenhuma, não consegue mudar nada e não consegue iniciar seja o que for e, no entanto, numa base de resposta automática, consegue tempo para manter um emprego, mas no instante em que uma verdadeira atitude de emergência se lhe depara não tem capacidade de reagir e resultam os acidentes. Os acidentes que ocorrem na indústria provêm dessas pessoas que se encontram num estado emocional de sub-apatia. Os erros que se cometem em escritórios e que custam às empresas grandes somas de dinheiro, tempo perdido e que causam ainda dificuldades pessoais provêm quase sempre dessas pessoas em sub-apatia. Portanto, não pensem que qualquer destes estados de ser-se incapaz de sentir, de estar entorpecido, de ser insensível à dor ou à alegria traz qualquer vantagem. Não. Uma pessoa que se encontra nestas condições não pode controlar as coisas e na realidade não se encontra em condições de ser suficientemente controlado por alguém e faz coisas estranhas e imprevisíveis.

Assim como uma pessoa pode estar em sub-apatia crónica, também outra pode estar em apatia. Isto é bastante perigoso, mas pelo menos manifesta-se. Somente quando somos apanhados na apatia, temos o começo do triângulo ARC a manifestar-se e a tornar-se visível.

É de esperar comunicação da própria pessoa, não 'vinda do seu outro eu' ou de reflexos condicionados. As pessoas podem estar permanentemente numa sensação de dor, de medo, de ira, em antagonismo, ou em aborrecimento, ou podem realmente estar «plenas de entusiasmo».

Uma pessoa que é verdadeiramente capaz é normalmente bastante serena quanto às coisas. Pode, no entanto, expressar outras emoções. É um erro supor que a serenidade total tenha algum valor real. Quando uma situação que exige lágrimas não pode ser chorada é porque esse alguém não sente a serenidade como um estado emocional normal. A serenidade pode ser confundida muito facilmente com a sub-apatia, mas obviamente apenas por um mau observador. Basta um olhar para as condições físicas da pessoa para distinguir. As pessoas que se encontram em sub-apatia estão normalmente muito doentes.

Tal como temos uma escala de estados emocionais cobrindo o tema da afinidade, assim temos uma para a comunicação. Ao nível de cada emoção temos um factor de comunicação. Um indivíduo que se encontre num estado de sub-apatia não comunica de modo nenhum. Alguns estímulos sociais ou reflexos condicionados ou como dizemos, «do seu eu», são comunicação.

A própria pessoa não parece estar aí e na realidade não está a falar. Por conseguinte, as suas comunicações são no mínimo bastante estranhas e comete erros na altura imprópria. Naturalmente que quando uma pessoa se agarra a qualquer das ondas da escala de estados emocionais (sub-apatia, mágoa, medo, ira, antagonismo, aborrecimento, entusiasmo ou serenidade), a sua voz comunica com tal estado emocional. A pessoa que está sempre zangada por alguma coisa, permanece em ira. Tal pessoa não está tão mal como em sub-apatia, mas continua a ser bastante perigosa a sua companhia, pois ocasionará problemas, e uma pessoa que está zangada não tem um bom controlo das coisas. As características de comunicação das pessoas nestes vários níveis da escala de estados emocionais são bastante fascinantes. Dizem coisas e manuseiam a comunicação de uma forma característica especial para cada nível da escala de estados emocionais.



Tal como em afinidade e comunicação, há um nível de realidade para cada um dos níveis de afinidade. A realidade é um tema muitíssimo interessante desde que na generalidade tenha algo a ver com a verdade relativa. Por outras palavras, a veracidade das coisas e o estado emocional das pessoas têm uma relação estabelecida.

As pessoas nos escalões inferiores da escala de emoções não podem tolerar as verdades. Não podem tolerar uma realidade. A coisa não é real para elas; é estreita ou tem falta de peso. À medida que as pessoas sobem na escala, o mesmo objecto toma-se mais e mais real e podem finalmente vê-lo no seu verdadeiro nível de veracidade. Por outras palavras, estas pessoas têm uma reacção definida à concentração a vários pontos da escala. Para elas, as coisas são claras ou muito, muito obscuras. Se você pudesse ver através dos olhos de alguém em sub-apatia, observaria sem dúvida um mundo verdadeiramente líquido, sem profundidade, sonhador, nebuloso, irreal. Se olhar através dos olhos de um indivíduo zangado, verá um mundo ameaçador, onde todas as verdades reflectem uma brutalidade, mas ainda não seriam suficientemente verdadeiras ou suficientemente reais ou visíveis para alguém que se encontre em condições normais. Uma pessoa serena pode ver as verdades tal como são, tão claras como são, e pode tolerar um enorme peso ou veracidade sem reagir. Por outras palavras, à medida que se sobe na escala de emoções a partir do ponto mais baixo até ao mais elevado, as coisas podem apresentar-se mais e mais verdadeiras, cada vez mais reais.

A afinidade está mais de perto relacionada com o espaço. Na verdade, a afinidade poderia ser definida como a «consideração da distância» desde que os extremos que estão muito afastados ou muito juntos tenham diferentes reacções de afinidade recíprocas. A realidade, tal como vimos, está mais intimamente ligada com a verdade. A comunicação consiste de um fluxo de ideias ou partículas através do espaço entre as verdades.

Embora estas definições possam parecer muito elementares e não satisfaçam de modo nenhum um professor, na realidade ultrapassam e rodeiam todo o campo de actividade do professor. As verdades não têm de ser complicadas.

Há, como se tem largamente descrito e estudado com considerável profundidade em Cientologia, muitas inter-relações de espaços e verdades, e ideias ou partículas, pois estas são as coisas mais íntimas para a própria vida e incluem o universo que nos rodeia. Mas a coisa mais básica que devíamos conhecer a respeito do triângulo ARC é simplesmente o estado emocional que é a afinidade, a existência das coisas que é a realidade, e a capacidade relativa de comunicação que lhes diz respeito.

Os homens que conseguem executar coisas num ponto muito elevado no que respeita a afinidade, são muito elevados em termos de verdade e são muito capazes em termos de comunicação. Se você desejar medir as diversas capacidades deles, deverá estudar o assunto mais profundamente. Há um livro sobre este triângulo cujo título é *A Ciência da Sobrevida*.

Então como deveria falar com um homem? Você não pode falar adequadamente a um homem se você estiver num estado de sub-apatia. De facto não falaria com ele de maneira nenhuma. Teria de possuir um pouco mais de afinidade do que a necessária para discutir com alguém. A sua capacidade de falar com um determinado homem tem algo a ver com a sua resposta emocional. Cada um tem respostas emocionais diferentes para as diferentes pessoas que o rodeiam. Dado que dois terminais ou, digamos, duas pessoas estão sempre envolvidas em comunicação, pode-se verificar que a outra pessoa teria de ser algo real. Se uma pessoa não se importa de modo nenhum com os outros, terá de certeza uma grande dificuldade em lhes falar. A maneira de falar com um homem será então descobrir nele algo que apreciemos e discutir com ele um assunto com o qual ele possa concordar. Esta é a ruína da maioria das ideias mais novas. Se discutirmos assuntos com os quais a outra pessoa não tenha qualquer afinidade, chegamos a um beco sem saída relativamente à realidade.

Aquilo com que concordamos tende a ser mais real do que aquilo com que não concordamos. Há uma coordenação definida entre concordância e realidade. São reais aquelas coisas com que concordamos. Não são reais as coisas com as quais não concordamos. As coisas com as quais não concordamos tem para nós muito pouca realidade. Uma experiência baseada nisto seria mesmo uma discussão cómica entre dois homens na presença de um terceiro. Os dois concordam em algo com que o terceiro não pode concordar. O terceiro homem cairá num estado emocional e torna-se menos real aos dois com os quais discute.

Como pode falar então a um homem? Você estabelece a realidade descobrindo alguma coisa com a qual ambos concordam. então experimenta manter tão elevado quanto possível o nível de afinidade ao saber que há algo nele de que pode gostar. É então capaz de conversar com ele. Se não tem as duas primeiras condições é quase certo que a terceira não surgirá, o que quer dizer que não poderá falar com ele facilmente.



Ao utilizar o triângulo ARC, você deve compreender que os estados emocionais, uma vez mais, progredem favoravelmente à medida que a comunicação começa a desenvolver-se. Por outras palavras, alguém que tem estado completamente indiferente em relação a nós, está sujeito a zangar-se connosco. Se você puder simplesmente persistir através da sua fúria, ele sentirá apenas antagonismo, a seguir o aborrecimento e finalmente o entusiasmo e um perfeito nível de comunicação e de entendimento. Os casamentos desfazem-se simplesmente devido a uma falha de comunicação, por causa de uma falha de realidade e afinidade. Quando a comunicação começa a falhar, a afinidade começa a decair. As pessoas têm segredos entre si e a afinidade cai pela base.

Da mesma forma, num escritório ou numa empresa, é perfeitamente fácil determinar aquelas pessoas que não procedem no melhor interesse da firma, dado que tais pessoas vão gradualmente, e algumas vezes não tanto, saindo da comunicação da empresa. O seu estado emocional para com os seus superiores e os que o rodeiam começa a decair e finalmente desaparece.

Como se pode ver, o triângulo ARC está intimamente ligado com as capacidades de controlar e uma capacidade para deixar não controlado. Quando alguém tenta controlar alguma coisa e falha, experimenta então uma antipatia em relação a essa coisa. Por outras palavras, ele não procedeu bem, enganou-se. A sua intenção, podemos dizer, voltou-se contra ele. Assim, tal como alguém que tenta controlar coisas e falha, ele está disposto a descer na escala de emoções quanto a essas coisas. Desta forma, um indivíduo que foi atraído pelo seu ferramenta no seu próprio trabalho está preparado para as tratar com o grau de afinidade mais baixo. Fica farto delas, torna-se antagónico a respeito delas, zanga-se com elas - e nesta fase, a máquina começa a fraquejar - e finalmente receia-as, torna-se triste por causa delas, torna-se apático e nunca mais se interessa por elas, e nesta fase certamente não as pode utilizar. Na realidade, descendo ao nível de aborrecimento, a capacidade de utilizar as suas ferramentas de trabalho está firmemente a descer.

Assim, como poderia alguém saber da sua capacidade de controlar as ferramentas, sem recorrer a um cientologista? Naturalmente, se um cientologista entrar nesta situação, pode ser recuperado o completo controlo das ferramentas, ou da área, ou da vida, mas, na sua falta, como pode alguém simplesmente controlar os artigos exactos com os quais está agora directa e imediatamente associado?

Utilizando o ARC, pode-se recuperar, até certo ponto, quer o seu controlo de ferramentas quer o seu entusiasmo pelo trabalho. Conseguir-se-á isto pela comunicação e descoberta da sua vontade para tal e se as pessoas que o cercam são reais. Um indivíduo pode recuperar a sua capacidade sobre os utensílios que lhe dizem directamente respeito simplesmente tocando-os e deixando-os. Isto poderá parecer sem interesse e nessa altura está pronto a alcançar o nível de aborrecimento e aborrecer-se com o processo. Justamente acima deste nível está o prémio de se tornar entusiasta. Parece muito estranho, mas se uma pessoa tocar simplesmente no seu automóvel e conduzi-lo e tocá-lo novamente e conduzi-lo e voltar a faze-lo, provavelmente por umas horas, recuperará não só o seu entusiasmo pelo automóvel mas uma tremenda capacidade de controlar o carro que ele nunca suspeitara possuir. Da mesma forma, com as pessoas, se elas frequentemente se recusam que se lhes toque, mesmo assim pode haver comunicação. Se uma pessoa realmente comunica e comunica bem a essas pessoas, escuta o que elas têm para dizer e aprecia o que lhe dizem e dizem o que têm para lhes dizer de uma forma correcta e frequentemente de modo que seja bem recebida por elas, essa pessoa vai ganhar, num grau muito elevado, a sua capacidade de associar e coordenar as actividades dessas pessoas com as quais está directamente ligada. Aqui temos o ARC imediatamente ajustado ao trabalho. Parece estranho que se induzirmos um contabilista a levantar e a pousar o seu lápis ou caneta durante uma série de horas ele recupere a sua capacidade de o manusear e melhore a sua possibilidade de escrever os números; e que se conseguirmos que ele mexa e pouse as suas contas por algum tempo, se tome não só capaz de manusear as contas como ainda de cometer menos erros. Isto parece magia. Isto é Cientologia.



Dianética 55 – Capítulo 7

CAPÍTULO VII

COMUNICAÇÃO

A comunicação tem hoje tal importância em Dianética e Ci-entologia -- como sempre tem sido na trilha completa -- que se pode-ria dizer que se pusermos um pré-claro em comunicação, o poremos em boas condições. Este fator não é novo na psicoterapia, mas a concen-tração nele é nova e a interpretação da capacidade como comunicação é totalmente nova.

Se você estivesse em total e completa comunicação com um automóvel numa estrada, por certo não teria qualquer dificuldade em dirigí-lo. Mas se estivesse apenas em comunicação parcial com o carro e em nenhuma comunicação com a estrada, é quase certo que o - correria um acidente. A maioria dos acidentes ocorre quando o moto-rista está distraído por uma discussão que teve, ou por um engarra-famento, ou por uma cruz à beira da estrada indicando onde alguns motoristas morreram, ou pelos seus próprios medos de acidentes.

Quando dizemos que alguém deveria estar em tempo presen-te, queremos dizer que deveria estar em comunicação com seu ambien-te. Queremos dizer também que deveria estar em comunicação com seu ambiente tal como existe, não como existia. E quando falamos de previsão, estamos dizendo que ele deveria estar em comunicação com seu ambiente como existirá, e também como existe.

Se a comunicação é tão importante, o que é comunicação? A melhor maneira de expressá-la é pela sua fórmula, que foi isolada e por cujo uso se pode obter grande número de resultados interessan-tes em mudanças na capacidade.

Há dois tipos de comunicação, ambos dependendo do ponto de vista adotado. Temos a comunicação que sai e a comunicação que entra. Uma pessoa que está falando com alguém está se comunicando com esse alguém (esperamos) e esse alguém com quem ela está falando está recebendo comunicação daquela pessoa. Quando a conversa muda, vemos que a pessoa a quem se falava está agora falando, e está fa-lando para a primeira pessoa, que agora recebe comunicação dela.

Uma conversa é o processo de se alternar a comunicação que sai e a comunicação que entra, e temos precisamente aqui a sin-gularidade que causa aberração e enjaulamento. Existe aqui uma re-gra básica: Aquele que emite deve receber -- aquele que recebe deve emitir. Quando vemos esta regra desequilibrada para qualquer das direções, descobrimos a dificuldade. Uma pessoa que esteja apenas emitindo comunicação na realidade não está comunicando de maneira alguma, no sentido mais amplo da palavra, pois para comunicar-se to-talmente, teria de receber, bem como emitir. Uma pessoa que esteja unicamente recebendo comunicação está também desarranjada, pois se



recebe, também tem de emitir. Toda e qualquer objeção que se tenha às relações sociais e humanas encontram-se basicamente nesta regra de comunicação, onde é desobedecida. Qualquer um que esteja falando, se não estiver num estado compulsivo ou obsessivo de ser, fica consternado quando não recebe respostas. De igual modo, qualquer pessoa a quem se esteja falando fica consternada quando não lhe dão oportunidade de dar sua resposta.

Pode-se compreender até mesmo o hipnotismo por esta regra da comunicação. O hipnotismo é um influxo contínuo sem uma oportunidade para o sujeito emitir. Isto é levado a tal ponto no hipnotismo que o indivíduo está realmente enjaulado no ponto em que está sendo hipnotizado, e permanecerá enjaulado naquele ponto, em certo grau, daí por diante. Assim, pode-se ir ao ponto de dizer que a chegada de uma bala é uma espécie pesada de hipnotismo. A pessoa que recebe a bala não emite uma bala e, assim, é ferida. Se pudesse emitir uma bala imediatamente após receber uma bala, poderia introduzir uma questão interessante, "Seria ela ferida?" Segundo nossas regras, não. Aliás, se ela estivesse em perfeita comunicação com seu ambiente, ^{nem} sequer receberia uma bala de maneira prejudicial. Mas examinemos isto de um ponto de vista altamente prático.

Quando olhamos para duas unidades de vida em comunicação, podemos rotular uma delas como "a" e a outra como "b". Num bom estado de comunicação, "a" emitiria e "b" receberia, em seguida "b" emitiria e "a" receberia. Em cada caso, tanto "a" quanto "b" saberia que a comunicação estava sendo recebida e saberia o que e onde era a fonte da comunicação.

Bem, temos "a" e "b" diante um do outro numa comunicação. "A" emite. Sua mensagem atravessa uma distância até "b" que recebe. Nesta fase da comunicação, "a" é Causa e "b" é Efeito, e o espaço intermediário chama-se Distância. É digno de nota que "a" e "b" são unidades de vida. Uma verdadeira comunicação é entre duas unidades de vida, não é entre dois objetos, ou de um objeto para uma unidade de vida. "A", uma unidade de vida, é Causa, o espaço intermediário é Distância, "b", uma unidade de vida, é Efeito. Agora um término desta comunicação altera os papéis. Ao receber a resposta, "a" é agora Efeito e "b" é a Causa. Temos, assim, um ciclo que completa uma verdadeira comunicação. O ciclo é Causa, Distância, Efeito com Efeito então tornando-se Causa e comunicando através de uma Distância para a fonte original, que é agora Efeito, e a isto chamamos de comunicação nos dois sentidos.

Ao examinarmos isto melhor, verificamos que há outros fatores envolvidos. Há a intenção de "a". Esta, em "b", torna-se a intenção, e para que haja uma verdadeira comunicação, deve ocorrer uma duplicação em "b" do que emanou de "a". Naturalmente, para emitir uma comunicação, "a" deve ter dado atenção a "b" e "b" deve ter dado



à sua comunicação alguma intenção, pelo menos de ouvir ou receber, de modo que temos Causa e Efeito tendo intenção e atenção.

Mas existe outro fator que é muito importante. É o fator da duplicação. Poderíamos expressá-lo como Concordância. O grau de concordância alcançado entre "a" e "b" neste ciclo de comunicação torna-se sua Realidade, e isto é feito mecanicamente pela Duplicação. Por outras palavras, o grau de Realidade alcançado neste ciclo de comunicação depende da quantidade de duplicação. "B", como Efeito, deve até certo ponto duplicar o que emanou de "a" como Causa, para que a primeira parte do ciclo faça efeito, e então "a", agora como Efeito, deve duplicar o que emanou de "b", para que a comunicação seja concluída. Se isto for feito, não há consequência aberrativa. Se essa duplicação não ocorre em "b" e então em "a", obtemos o que equivale a um ciclo inacabado de ação. Se, por exemplo, "b" não duplicou vagamente o que emanou de "a", a primeira parte do ciclo de comunicação não se realizou, e pode resultar em grande quantidade de desordem, discussão e explicações. Então, se "a" não duplicou o que emanou de "b", quando "b" foi causa no segundo ciclo, também ocorreu um ciclo de comunicação incompleto com consequente irrealidade. Ora, naturalmente, se reduzimos a Realidade, reduziremos a Afinidade, de modo que quando a duplicação está ausente, a Afinidade parece decair. Um ciclo de comunicação completo resultará em elevada Afinidade e, com efeito, se apagará. Se desorganizarmos quaisquer desses fatores, temos um ciclo de comunicação incompleto e temos "a" e "b", ou ambos, esperando pelo fim do ciclo. Neste sentido, a comunicação torna-se aberrativa.

A palavra "aberrar" significa fazer algo desviar-se de uma linha reta. A palavra vem basicamente da óptica. Aberração é simplesmente algo que não contém linhas retas. Uma confusão é um feixe de linhas tortas. Uma massa é nada mais nada menos do que uma confusão de comunicação mal administrada. As massas e depósitos de energia, os fac-símiles e engramas que rodeiam o pré-claro são nada mais nada menos do que ciclos de comunicação inacabados que ainda aguardam sua resposta adequada em "a" e "b".

Um ciclo de comunicação inacabado gera o que se poderia chamar de "fome de resposta". Uma pessoa que esteja esperando por um sinal de que sua comunicação foi recebida, está sujeita a aceitar qualquer influxo. Quando uma pessoa esperou sistematicamente, por um período muito longo de tempo, por respostas que não chegaram, qualquer tipo de resposta de qualquer parte será atraída para ela, por ela, como um esforço para remediar sua escassez de respostas. Assim, porá em ação e operação frases engramáticas existentes no banco contra si própria.



Ciclos de comunicação incompletos causam uma escassez de respostas. Não tem muita importância que respostas foram ou seriam, contanto que se aproximem vagamente do assunto em pauta. Mas importa quando uma resposta totalmente inesperada é dada, como na comunicação compulsiva ou obsessiva, ou quando nenhuma resposta é dada.

A própria comunicação só é aberrativa quando a comunicação que emana da Causa foi repentina e "non sequitur" com o ambiente. Temos aqui a violação da atenção e intenção.

O fator de interesse também entra aqui, mas é muito menos importante, pelo menos do ponto de vista do auditor. Não obstante, explica muita coisa sobre o comportamento humano, e explica de maneira considerável os circuitos. "A" tem a intenção de interessar "b". "B", quando lhe falam torna-se interessante. De igual modo, "b", quando emite uma comunicação, está interessado e "a" é interessante. Temos aqui, como parte da fórmula da comunicação (mas como disse, uma parte menos importante), uma mudança contínua do ser interessado para ser interessante por parte de ambos os terminais, "a" ou "b". A Causa é interessada, o Efeito é interessante.

Bem mais importante é o fato de que a intenção de ser recebido, por parte de "a", impõe a "a" a necessidade de ser duplicável. Se "a" não pode ser duplicável em qualquer grau, então, naturalmente, sua comunicação não será recebida em "b", pois "b", incapaz de duplicar "a", não pode receber a comunicação. Como exemplo disso, digamos que "a" fala em chinês, ao passo que "b" só comprehende francês. Para "a" é necessário fazer-se duplicável falando em francês com "b" que só entende francês. No caso em que "a" fala um idioma e "b" outro, e eles não têm um idioma em comum, temos o fator da mímica possível e uma comunicação ainda pode ocorrer. "A", admitindo-se que tenha mão, pode levantar sua mão. "B", supondo-se que também tenha, poderia levantar sua mão. Então "b" poderia levantar sua outra mão e "a" poderia levantar sua outra mão, e teríamos completado um ciclo de comunicação por mímica. A comunicação por mímica também poderia ser chamada de comunicação em termos de massa.

Vemos que Realidade é o grau de duplicação entre Causa e Efeito. Afinidade é monitorada pela intenção e pelos tamanhos das partículas envolvidas, bem como pela distância. A maior Afinidade que existe para qualquer coisa é ocupar seu mesmo espaço. À medida que a distância se amplia, a Afinidade cai. Além disso, à medida que a quantidade de massa ou de partículas de energia aumenta, também a Afinidade cai. Ademais, à medida que a velocidade se afasta do que "a" e "b" consideraram a velocidade ideal -- seja velocidade maior ou menor do que consideraram ser a velocidade adequada, a Afinidade cai.



Existe um outro ponto preciso sobre a comunicação, é a expectativa.

Basicamente, todas as coisas são considerações. Consideramos que as coisas são, e portanto elas são. A idéia é sempre anterior à mecânica da energia, espaço, tempo e massa. Seria possível ter idéias sobre comunicação totalmente diferentes destas. Entretanto, acontece que estas são as idéias de comunicação comuns neste universo, e que são utilizadas pelas unidades de vida deste universo. Temos aqui a concordância básica sobre o assunto da comunicação na fórmula da comunicação, tal como apresentada aqui. Como as idéias são anteriores a esta, um thetano pode obter, além da fórmula da comunicação, uma idéia singular sobre com que exatidão a comunicação deve ser realizada, e se esta não tiver a concordância geral, ele pode ver-se definitivamente fora de comunicação. Tomemos o exemplo de um escritor modernista que insiste que as três primeiras letras de cada palavra devem ser eliminadas, ou que nenhuma sentença deve ser completada ou que a descrição das personagens deve ser feita segundo uma representação cubista. Ele não alcançará concordância entre seus leitores e se tornará, até certo ponto num "único". Existe uma ação contínua de seleção natural, poder-se-ia dizer, que elimina as idéias de comunicação estranhas ou singulares. Para estarem em comunicação, as pessoas abraçam as idéias básicas, tais como apresentadas aqui, e quando alguém tenta desviar-se demais destas regras, simplesmente não o duplicam e assim ele efetivamente sai de comunicação.

Temos visto toda uma raça de filósofos saírem de existência desde 1790. Temos visto a filosofia tornar-se um assunto muito sem importância, quando outrora era uma moeda muito comum entre as pessoas. Os próprios filósofos põem-se fora de comunicação com as pessoas ao insistirem em usar palavras de definições especiais que não poderiam ser facilmente assimiladas pelas pessoas em geral. A moeda da filosofia não podia ser facilmente duplicada pelas pessoas com vocabulários relativamente limitados. Tome palavras difíceis como "telecinese". Embora provavelmente signifique algo muito interessante e muito vital, se você relembrar bem, nenhum motociclista de taxi mencionou esta palavra para você enquanto pagava a corrida ou mesmo durante os momentos mais verborrágicos da corrida. Provavelmente, a dificuldade básica da filosofia era ter se tornado germânica na sua gramática, um exemplo dado por Emmanuel Kant. E se você se lembra daquela maravilhosa história de Saki, um homem certa vez morreu esmagado quando tentava ensinar verbos irregulares *alegrias* a um elefante. A filosofia abriu mão de parte da sua responsabilidade por um círculo de comunicação ao se tornar induplicável pelos seus leitores. É responsabilidade de qualquer pessoa que queira comunicar-se usar um vocabulário que possa



ser compreendido. Assim, a filosofia não pode sequer começar um ciclo de comunicação sensato em cerca de cento e cinquenta anos e, portanto, está morta.

Tomemos agora a pessoa que se tornou muito "experiente" na vida. Esta pessoa tem uma trilha do tempo particular. Esta trilha do tempo é a sua própria trilha do tempo e não a de outra pessoa qualquer. As individualidades básicas entre os homens se baseiam no fato de que diferentes coisas aconteceram com eles e que vêm essas diferentes coisas de diferentes pontos de vista. Assim, temos individualização e temos opinião, consideração e experiência individuais. Dois homens que caminham pela rua testemunham um acidente. Cada um deles vê o acidente de pelo menos um ponto de vista ligeiramente diferente. Ao consultarmos doze testemunhas do mesmo acidente, é bem provável que encontremos doze acidentes diferentes. À parte o fato de que as testemunhas gostam de lhe dizer o que julgam ter visto, em lugar do que viram, houve realmente doze pontos diferentes dos quais o acidente foi visto e, portanto, doze aspectos diferentes da ocorrência. Se essas doze pessoas fossem reunidas e se comunicassem entre si sobre este acidente, então chegariam a um ponto de concordância sobre o que realmente aconteceu. Pode não ter sido o acidente, mas por certo é o acidente concordado, que então se torna o acidente real. É deste modo que os juris se portam. Podem ou não estar julgando o crime real, mas certamente estão julgando o crime concordado.

Em qualquer guerra, demora de dois a três dias para que ocorra concordância suficiente para se saber o que aconteceu numa batalha. Embora possa ter havido uma batalha de verdade, uma sequência real de incidentes e ocorrências, o fato de que cada homem na batalha a via do seu próprio ponto de vista particular, e queremos dizer com isto simplesmente "o ponto de onde ele estava olhando", e não suas opiniões → ninguém viu a batalha na sua totalidade. Assim, o tempo deve intervir para que ocorra comunicação suficiente sobre o assunto da batalha, de modo que todos tenham alguma aparência de concordância sobre o que aconteceu. Naturalmente, quando os historiadores abordam esta batalha e começam a escrever narrativas diferentes a respeito, das memórias dos generais que estavam tentando explicar suas derrotas, obtemos um relato realmente bastante distorcido. Entretanto, no tocante à história, isto passa a ser a batalha concordada. Quando lemos os historiadores, verificamos que jamais se saberá realmente o que aconteceu em Waterloo, em Bennington, em Maratona. Como podemos considerar como comunicação um soldado atirando contra outro soldado, vemos que estamos estudando comunicações sobre comunicação. Esta atividade erudita é muito boa, mas não nos faz avançar muito na solução dos problemas humanos.

Vemos estas duas palavras "Causa" e "Efeito" desempenhar uma função importante na fórmula da comunicação. Vimos que a Primeira



Causa se torna, ao final do ciclo, o último Efeito. Ademais, no ponto intermediário, o Primeiro Efeito muda imediatamente para Causa, para ter um bom ciclo de comunicação. Então, o que queremos dizer por "Causa"? Causa é simplesmente o ponto de emanacão da comunicação. O que é "Efeito"? Efeito é o ponto de recebimento da comunicação. Como estamos interessados apenas em unidades de vida, vemos que podemos verificar facilmente a causá a qualquer momento. Não estamos interessados na Causa secundária ou terciária. Não estamos interessados em assistir causas de qualquer maneira. Não estamos interessados em efeitos secundários ou terciários. Não estamos interessados em assistir efeitos de qualquer maneira. Consideramos que sempre que olhamos para um ponto de origem de uma comunicação estamos olhando para Causa. Como toda a trilha é composta deste padrão de Causa e Efeito, uma pessoa, sempre que vê um possível ponto de causa, inclina-se a procurar por um ponto de causa anterior, e depois para outro mais anterior, e outro mais anterior, cutro mais anterior, e depois de algum tempo começa a ler a Bíblia, o que é muito ruim para os olhos.

Pelo fato de que toda Causa é simplesmente causa escolhida, e todo Efeito é apenas efeito escolhido, e que o primeiro escalão é o nível de idéia da comunicação, que é Causa escolhida como Causa, que é Efeito escolhido como Efeito, não há mais nada a dizer a respeito disso. Em nosso dicionário, causa aqui significa apenas "ponto de origem". Efeito significa apenas "ponto de recebimento".

Observamos que o ponto de recebimento, a meio caminho no ciclo de comunicação, muda e se torna ponto de origem. Poderíamos classificar esta mudança no centro do ciclo de comunicação de algum outro modo, mas não é necessário fazê-lo. Estariamos complicando demais para nossos propósitos.

Chegamos agora ao problema do que uma unidade de vida deve estar disposta a experimentar para comunicar-se. Em primeiro lugar, o ponto de causa primário deve estar disposto a ser duplicável. Deve ser capaz de dar pelo menos alguma atenção ao ponto de recebimento. O ponto de recebimento primário deve estar disposto a duplicar deve estar disposto a receber, e deve estar disposto a transformar-se num ponto de origem para enviar de volta a comunicação, ou uma resposta. E o ponto de origem primário, por sua vez, deve estar disposto a ser um ponto de recebimento. Como estamos lidando basicamente com idéias e não com mecânica, vemos que deve haver um estado mental entre um ponto de cause e de efeito pelo qual cada um está disposto a ser Causa ou Efeito à vontade, disposto a duplicar à vontade, disposto a ser duplicável à vontade, disposto a mudar à vontade, disposto a experimentar a distância intermediária e, em suma, disposto a comunicar. Onde obtemos estas condições num indivíduo ou num grupo, temos pessoas sadias. Onde ocorre uma má vontade em enviar ou receber comunicação, onde as pessoas enviam comunicações de maneira obsessiva



ou compulsiva, sem direção e sem tentarem ser duplicáveis, onde as pessoas que recebem comunicações permanecem caladas e não dão reconhecimento ou resposta, temos fatores aberrativos. E é muito interessante notar que, do ponto de vista do processing, temos todos os fatores aberrativos que existem. Não precisamos saber de mais nada sobre aberração do que o fato de ser uma desorganização do ciclo de comunicação. Mas, naturalmente, para sabermos isto, temos de conhecer os componentes da comunicação e o comportamento esperado.

Algumas das condições que podem ocorrer numa linha aberrada são uma omissão em ser duplicável antes que se emita uma comunicação, uma intenção contrária a ser recebida, uma má vontade em receber ou duplicar uma comunicação, uma má vontade em experimentar distância, uma má vontade em mudar, uma má vontade em dar atenção, uma má vontade em expressar intenção, uma má vontade em reconhecer e, de modo geral, uma má vontade em duplicar. Poderíamos até mesmo dizer que a razão porque a comunicação ocorre, em vez de ocupar o mesmo espaço e conhecer -- a comunicação introduz a idéia de distância -- é que a pessoa não está disposta a ESTAR no grau necessário para ser qualquer coisa. Prefere comunicar a ser. Assim, verificamos que a incapacidade de comunicar é uma escala graduada -- desce com a incapacidade de ser. Temos indivíduos que chegam ao ponto de apenas estarem dispostos a ser eles próprios. Na medida em que uma pessoa se torna "a única", não está disposta a comunicar nas dinâmicas restantes. Uma pessoa que se tornou somente ela própria está na situação triste e afilítica de estar fora da Segunda, da Terceira e da Quarta Dinâmicas, pelo menos.

Alguém poderia ver que a solução para a comunicação é não comunicar. Poder-se-ia dizer que se, para começar, ele não tivesse comunicado, não estaria agora em dificuldades. Pode ser que haja alguma verdade nisso, mas não há verdade no fato de que o processing no sentido de tornar a comunicação desnecessária, ou de reduzir a comunicação, não é processing algum, mas assassinato. Um homem está tão morto quanto não possa comunicar. Está tão vivo quanto possa comunicar. Com incontáveis testes realizados no departamento de redação e investigação da HASI, descobri um ponto que se poderia chamar de concludente, pelo qual o único remédio para a condição de viver é maior condição de comunicação. Devemos ampliar nossa capacidade de comunicar.

Provavelmente o único erro importante existente na Filosofia Oriental, e provavelmente o único em que me frustrei na minha juventude, foi esta idéia de que a pessoa deveria afastar-se da vida. Eu tinha a impressão de que todos os meus bons amigos entre os sacerdotes e homens santos que eu tinha, estavam tentando afastar-se e cortar suas comunicações com a existência. Independente do que os compêndios de Filosofia Oriental possam dizer, esta era a prática das pessoas mais versadas no "know-how" mental e espiritual do Oriente.



Assim, vi pessoas gastando quatorze ou dezoito anos para alcançar um alto nível de serenidade espiritual. Vi muitos homens estudando e muito poucos alcançando seu objetivo. Para meu impaciente e talvez prático ponto de vista ocidental, isto é intolerável. Durante muitos anos fiz esta pergunta: "Comunicar ou não comunicar?" Se alguém se metesse em total dificuldade por causa da comunicação, então, naturalmente deveria parar de comunicar. Mas este não é o caso. Se alguém se mete em dificuldades por comunicar, deve comunicar ainda mais. Mais comunicação, não menos, é a resposta e considero este enigma resolvido após um quarto de século de investigações e reflexões.



B 5 Abr. 73R
Reemitido e reinstalado em 25 de Maio de 1986

AXIOMA 28 EMENDADO

COMUNICAÇÃO É A CONSIDERAÇÃO E ACCÃO DE IMPELIR UM IMPULSO OU PARTÍCULA DE UM PONTO DE ORIGEM, ATRAVÉS DE UMA DISTÂNCIA, ATÉ UM PONTO DE RECEPÇÃO, COM A INTENÇÃO DE FAZER SURGIR NO PONTO DE RECEPÇÃO UMA DUPLICAÇÃO E UMA COMPREENSÃO DAQUILO QUE EMANOU DO PONTO DE ORIGEM.

A formula da Comunicação é: Causa, Distância, Efeito, com Intenção, Atenção e Duplicação COM COMPREENSÃO.

As partes componentes da Comunicação são: Consideração, Intenção, Atenção, Causa, ponto de Origem, Distância, Efeito, ponto de Recepção, Duplicação, Compreensão, a Velocidade do impulso ou partícula, Nada ou Algo. Uma não comunicação consiste de Barreiras. Barreiras consistem de Espaço, Interposições (como paredes e ecrans de partículas em movimento rápido) e Tempo. Uma comunicação, por definição, não tem de ser nos dois sentidos.

Quando uma comunicação é retornada, a fórmula é repetida, com o ponto de recepção tornando-se agora num ponto de origem e o ponto de origem anterior tornando-se agora no ponto de recepção.

L. R. H.

(B 23/5/71R-I)

Revisto em 4 de Dezembro de 1974

A MAGIA DO CICLO DE COMUNICAÇÃO

(Extraído da Conferência de LRH de 6/2/64: "Ciclo de Comunicação em Audição."

Se estudarem a comunicação vão descobrir que a sua magia é quase a única coisa que faz a audição funcionar.

Neste universo, o theta começo a considerar-se MEST, começo a considerar-se massa e quando um ser se imagina que é massa, responde então às leis da electrónica e às leis de Newton. De facto, ele é bastante incapaz de criar ou de as-isar coisas.

Quando um indivíduo se considera MEST ou massa, é-lhe necessário encontrar um segundo terminal. Este é-lhe necessário a fim de descarregar energia.

Temos aqui dois pólos: um auditor e um preclaro. E enquanto o auditor auditar e o PC

responder, haverá intercâmbio de energia do ponto de vista do pc.

Muitos auditores pensam serem um segundo terminal na medida em que apanham as doenças e somáticas do pc. Na realidade, o auditor não é atingido por qualquer ricochete mas, se estiver suficientemente convencido de que é MEST, sentirá as somáticas do pc. De facto, nada atinge o auditor a não ser aquilo de que ele fez o mock-up ou que imaginou.

No fundo, estabeleceram um sistema de dois pólos que vai permitir as-isar a massa.

A massa não é queimada mas sim as-isada e é por isso que nada toca no auditor.

Temos aqui a essência da situação. A magia que a audição tem está contida no ciclo de comunicação



de audição. Podem agora ver que estão a manejá O INTERCÂMBIO REGULAR ENTRE ESTES DOIS PÓLOS.

Quando examinarem as dificuldades da audição, tenham consciência de que estão a lidar simplesmente com as dificuldades do ciclo de comunicação e que como auditores, quando não permitirem UM FLUXO REGULAR ENTRE VOCÊS, COMO TERMINAIS, E O PC, COMO TERMINAL E QUE O PC, COMO TERMINAL, O REENVIE A VOCÊS, não terão as-is da massa. Por isso não obtêm acção do TA.

Para poderem realizar este “passe de mágica”, é claro que têm de saber o que é que é necessário as-isar e como lá chegar, mas isso pertence ao domínio da técnica (saber que botão é necessário pressionar). Damo-nos conta, curiosamente, que se o auditor for verdadeiramente capaz de levar o pc a estar com vontade de falar com ele, não terá sequer que pressionar nenhum botão para obter acção do TA. (A principal razão para não se conseguir obter acção de TA é o ciclo de comunicação não existir.)

A pessoa que insiste continuamente numa nova técnica, está a negligenciar a ferramenta básica da audição e que é o ciclo de comunicação de audição.

Quando o ciclo de comunicação não existe numa sessão de audição, temos esta complicação horrível que consiste em tentar fazer funcionar uma técnica que não pode ser aplicada visto não existir ciclo de comunicação por onde a aplicar.

A audição de base é assim chamada porque tem lugar antes da TÉCNICA.

Tem de existir um ciclo de comunicação antes que a técnica possa existir.

A abordagem básica ao caso não se situa ao nível da técnica mas sim ao nível do ciclo de comunicação.

A comunicação é simplesmente um processo de familiarização baseado em “alcançar e retirar-se”.

Quando falam a um pc, estão a alcançar. Quando param de falar, retiram-se. No momento em que ele vos escuta, está um pouco retirado mas, de seguida, ele alcança-vos com a sua resposta.

Vêm-no a retirar-se enquanto reflecte. De seguida, ele encontra a razão. E agora ele vai alcançar o auditor com a razão que encontrou e dirá que era isso que procurava.

Estabeleceram um intercâmbio entre o pc e o auditor e verão a sua manifestação no E-Metro sendo dado que esse intercâmbio provoca agora um as-is de energia.

NA AUSÊNCIA DESTA COMUNICAÇÃO NÃO OBTERÃO ACÇÃO NO E-METRO.

Portanto, O CICLO DE COMUNICAÇÃO É A BASE DA AUDIÇÃO. É a base da audição e é verdadeiramente a grande descoberta da Dianética e da Cientologia.

É uma descoberta muito simples mas tenham em conta que ninguém sabia nada sobre isso.

LRH

B-16/8/71R

EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS

Emissão II.

Modernizei os TRs 0 a 4 devido aos seguintes factores:

1. A capacidade de auditar de qualquer estudante está directamente relacionada com a sua capacidade de executar os TRs.
2. Deslizes em TRs são a base de toda a confusão que surja em tentativas futuras para auditar.

3. Se os TRs não foram bem aprendidos logo cedo nos cursos de treinamento de Cientologia, O RESTO DO CURSO FRACASSARÁ E OS SUPERVISORES DOS NÍVEIS MAIS ALTOS ESTARÃO A ENSINAR NÃO O SEU MATERIAL MAS TRs.
4. Quase todas as confusões a respeito do E-Metro, Modelos de Sessão e processos de Cientologia ou Dianética provém directamente da incapacidade de executar os TRs.



5. Um estudante que não chegou a dominar os TRs não dominará qualquer coisa daí por diante.

6. Os processos de Cientologia ou Dianética não funcionarão na presença de TRs maus. O pc já está a ser assoberbado pela velocidade do processo e não pode fazer face a deslizes de TRs sem quebras de ARC.

As academias costumavam ser, até 1958, muito severas, e daí para cá a tendência foi abrandar. Cursos de Comunicação não são reuniões sociais.

Estes TRs dados aqui devem ser postos em uso imediatamente em todo o treino de Auditor nas academias e HGCs e no futuro jamais deverão ser relaxados.

Cursos públicos sobre TRs NÃO são "suavizados" porque são para o Público. Nenhum 'standard' é, de modo algum abaixado. SÃO DADOS AO PÚBLICO TRs REAIS - ÁSPEROS, FIRMES E DUROS. Fazer o contrário é perder 90% dos resultados. Não há nada pálido e fofinho a respeito dos TRs.

ESTE BOLETIM SIGNIFICA AQUILO QUE DIZ. NÃO QUER DIZER OUTRA COISA. NÃO INFERE OUTRO SIGNIFICADO. NÃO ESTÁ ABERTO A INTERPRETAÇÃO PROCEDENTE DE OUTRA FONTE.

ESTES TRs SÃO FEITOS EXACTAMENTE CONFORME ESTE BOLETIM SEM ACÇÕES ADICIONAIS OU MODIFICAÇÃO.

NÚMERO: TR0 DE OT 1971

NOME: Confronto de 'Thetan Operativo'

COMANDOS: Nenhum

POSIÇÃO: Estudante e ajudante sentam-se um em frente do outro, com os olhos fechados, a uma distância confortável - cerca de um metro.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a estar ali de modo confortável a confrontar uma outra pessoa. A ideia é tornar o estudante capaz de ESTAR ali e não fazer nada mais do que ESTAR ali.

ÊNFASE DO TREINO: Estudante e ajudante sentam-se um em frente do outro com os olhos fechados. Não há conversa. Este é um exercício silencioso. Não se faz NENHUM tique, movimento, confronto com uma parte do corpo, "sistema", ou vias para confrontar, ou qualquer outra coisa para além de ESTAR ali. Usualmente ver-se-á negrume ou uma parte do aposento quando os olhos estão fechados. **ESTEJA ALI, CONFORTAVELMENTE E CONFRONTE.**

Quando um estudante poder ESTAR ali confortavelmente e confrontar e quando atingiu uma vitória estável de importância, o exercício é passado.

HISTÓRICO: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Junho de 71 para dar uma gradação adicional e eliminar o confronto de estudantes com olhos, piscando, etc. Revisto por L. Ron Hubbard em Agosto de 1971 após descobertas de pesquisas sobre TRs.

NÚMERO: TR0. CONFRONTO REVISTO EM 1961

NOME: Confrontando o Preclaro.

COMANDOS: Nenhum.

POSIÇÃO: Estudante e ajudante sentam-se em frente um do outro, a uma distância confortável, de mais ou menos um metro.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a confrontar o preclaro apenas com audição e mais nada. A ideia é tornar o estudante capaz de estar ali confortavelmente numa posição a um metro à frente de um Preclaro, ESTAR ali e não fazer nada além de ESTAR ali.

ÊNFASE DO TREINO: Faça o estudante e estudante sentarem-se um em frente do outro, sem fazer qualquer conversa ou esforço para ser interessante. Faça-os sentar e olhar um para o outro e não fazer ou dizer nada por algumas horas. O estudante não deve falar, piscar os olhos, mover-se, dar risinhos, ou ficar embaraçado ou 'anaten' (com nível de consciência atenuado). Verificar-se-á que o estudante tem a tendência de confrontar COM uma parte do corpo, em vez de simplesmente ESTAR ali. O exercício está mal classificado se Confrontar significa FAZER algo com o pc. A acção principal é acostumar um auditor a ESTAR ali, a mais ou menos um metro em frente de um Preclaro, sem se desculpar, ou mover, ou sobressaltar, ou embaraçar, ou proteger. Confrontar com uma parte do corpo pode causar somáticos naquela parte do corpo que está a ser usada para confrontar. A solução é apenas confrontar e ESTAR ali. O estudante passa quando puder simplesmente ESTAR ali e confrontar e quando atingiu uma vitória estável de importância.

HISTÓRICO: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington em Março de 1957 para treinar estudantes a confrontar Preclaros sem truques sociais ou conversa e a vencer compulsões obsessivas para serem "interessantes". Revisto por



L. Ron Hubbard em Agosto de 1971 após descobertas de pesquisas sobre TRS.

NÚMERO: TR0 ESPICAÇADO REVISTO EM 1961

NOME: Confronto com provocação

COMANDOS: Ajudante: "Começa" "Pronto" "Falha"

POSIÇÃO: Estudante e ajudante sentam-se um de frente para o outro a uma distância confortável - cerca de um metro.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a confrontar um preclaro com audição e mais nada. A ideia toda é fazer o estudante capaz de ESTAR ali confortavelmente, numa posição a um metro em frente do Preclaro, sem ser desviado, distraído ou sem reagir de alguma maneira ao que o preclaro diz ou faz.

ÊNFASE DO TREINO: Após o estudante ter passado o Tr 0 e puder simplesmente ESTAR ali confortavelmente, o "espicaçar" pode começar. Qualquer coisa além de ESTAR ALI recebe "falha" firme por parte do ajudante. Mexidas, piscadelas, suspiros, desassossego, qualquer coisa, excepto simplesmente estar ali, recebe prontamente "falha", com a razão para a falha.

MODELO: O estudante tosse. O ajudante: "Falha, tossiste. Começa." Este é todo o modelo do ajudante como ajudante.

MODELO COMO PARTE CONFRONTADA: O ajudante pode dizer ou fazer qualquer coisa, excepto sair da cadeira. Os "botões" do estudante podem ser encontrados e repisados sem compaixão. Quaisquer palavras que não sejam as palavras do exercício de ajuda, não podem receber qualquer resposta do estudante. Se o estudante responde, o ajudante torna-se imediatamente um ajudante (ver modelo acima). O estudante passa quando puder ESTAR ali confortavelmente sem ser desviado, ou distraído, ou sem reagir de qualquer modo a coisa alguma que o estudante diga ou faça e quando tiver atingido uma vitória estável de importância.

HISTÓRICO: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington em Março de 1957 para treinar estudantes a confrontar Preclaros sem truques sociais ou conversa e a vencer compulsões obsessivas para serem "interessantes". Revisto por

L. Ron Hubbard em Abril de 1971 ao descobrir que as Metas SOP requeriam para o seu sucesso um nível muito mais alto de capacidade técnica do que os processos anteriores. Revisto por L. Ron Hubbard em Agosto de 1971 após descobertas de pesquisas sobre TRs.

NÚMERO: TR 1 REVISTO EM 1961

NOME: Querida Alice

PROPÓSITO: Treinar o estudante a fazer chegar ao preclaro um comando como novo, e dentro de uma nova unidade de tempo, sem recuar, tentar oprimir ou usar uma via.

COMANDOS: Uma frase (com os "Ele disse" omitidos) é escolhida do texto "Alice no País das Maravilhas", e lida para o ajudante. É repetida até que o ajudante esteja satisfeito de que ela chegou onde ele está.

POSIÇÃO: Estudante e ajudante ficam sentados, um em frente do outro, a uma distância confortável.

ÊNFASE DO TREINO: O comando vai do livro para o estudante e, como seu próprio para o ajudante. Não deve ir do livro para o ajudante. Precisa parecer natural e não artificial. Correcção gramatical e elocução não entram nisso. Volume poderá entrar.

O ajudante precisa ter recebido o comando, ou pergunta claramente tê-la compreendido antes de puder dizer "muito bem."

MODELO: O ajudante diz "começa", diz "muito bem", sem dar um novo começo, se o comando for recebido, ou diz "falha", se o comando não for recebido. "Começa" não é usado novamente. "Pronto" é usado para interromper para discussão ou para colocar um fim à actividade. Se a sessão for interrompida para discussão, o ajudante precisa dizer "começa" novamente antes de recomeçá-la. Este exercício só é passado quando o estudante puder transmitir um comando naturalmente, sem tensão, ou artificialidade, ou trejeitos de elocução,



ou gesticulações e quando o estudante puder fazê-lo fácil e relaxadamente.

HISTÓRICO: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, em Abril de 1956, para ensinar a fórmula de comunicação para novos estudantes. Revisto por L. Ron Hubbard em 1961 para aumentar a capacidade de auditar.

NÚMERO: TR 2 REVISTO EM 1961

NOME: Reconhecimento.

PROPÓSITO: Ensinar a um estudante que um reconhecimento é um método de controlar a comunicação do preclaro e que um reconhecimento é um ponto final. O estudante precisa **COMPREENDER** e dar reconhecimento **APROPRIADO** à comunicação de modo a que não continue.

COMANDOS: O ajudante lê trechos de "Alice no País das Maravilhas", omitindo os "ele disse" e o estudante dá reconhecimento a eles de maneira total. O estudante diz "muito bem", "está bem", "okay", "ouvi", qualquer coisa, contanto que seja apropriada à comunicação do preclaro - de modo a convencer de facto a pessoa ali sentada, como preclaro, de ter sido ouvida. O ajudante repete qualquer trecho que sinta não ter sido verdadeiramente reconhecido.

POSIÇÃO: Ajudante e estudante ficam sentados um em frente do outro, a uma distância confortável.

ÊNFASE DO TREINO: Ensinar o estudante a reconhecer exactamente o que foi dito para que o preclaro saiba que aquilo foi ouvido. Perguntar ao estudante, de tempos a tempos, o que foi dito. Combater reconhecimento de mais ou de menos. Deixar o estudante fazer, a princípio, qualquer coisa para transmitir reconhecimentos, então começar a ajustá-lo. Ensinar-lhe que um reconhecimento é uma paragem, não o começo de um novo ciclo de comunicação, ou um encorajamento para o preclaro prosseguir, e que um reconhecimento deve ser apropriado à comunicação do Preclaro. Deve ser quebrado o hábito do estudante usar, como um roto, "muito bem", "obrigado", como os únicos reconhecimentos.

Para ensinar, ainda mais, que uma pessoa pode deixar de transmitir um reconhecimento, ou pode deixar de parar um pc com um reconhecimento, ou pode decapitar um pc com um reconhecimento.

MODELO: O ajudante diz "começa", lê um trecho e diz "falha", toda a vez que sentir ter havido um reconhecimento falho. O ajudante repete a mesma linha cada vez que diz "falha". "Pronto" pode ser usado para interromper para discussão ou para terminar a sessão. "Começa" deve ser usado para começar nova ajuda, depois de um "pronto".

HISTÓRICO: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, em Abril de 1956, para ensinar a novos estudantes que um reconhecimento põe fim a um ciclo de comunicação e um período de tempo, que um novo comando começa um novo período de tempo. Revisto em 1961, e novamente em 1978, por L. Ron Hubbard.

NÚMERO: TR 2 1/2 1978

NOME: Meios-Reconhecimentos.

PROPÓSITO: Ensinar o estudante que um meio reconhecimento é um método de encorajar o pc a comunicar.

COMANDOS: O ajudante lê trechos do livro "Alice no País das Maravilhas" omitindo os "ele disse", e o estudante dá meios-reconhecimentos ao ajudante. O ajudante repete qualquer trecho que achar não ter sido meio-reconhecido.

POSIÇÃO: Estudante e ajudante sentados um em frente do outro, a uma distância confortável.

ÊNFASE DO TREINO: Ensinar ao estudante que um meio-reconhecimento é um encorajamento para o pc **CONTINUAR** a falar. Combater reconhecimento-de-mais. que põe fim à fala do pc. Ensinar, além disso, que um meio-reconhecimento é um modo de manter o pc a falar, dando-lhe a sensação de estar a ser ouvido.



MODELO: O ajudante diz "começa", lê uma linha e diz "Falha", toda a vez que o ajudante sente ter havido um meio-reconhecimento não apropriado. O ajudante repete a mesma linha sempre que diz "Falha". "Pronto" pode ser usado para interromper para discussão, o ajudante precisa dizer "começa" novamente antes de recomeçar.

HISTÓRICO: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Julho de 1978, para treinar auditores no modo de fazer um pc continuar a falar, como no R3RA.

NÚMERO: TR 3 REVISTO EM 1961

NOME: Pergunta duplicativa.

PROPÓSITO: Ensinar um estudante a duplicar, sem variação, uma pergunta de audição, cada vez como nova, na sua própria unidade de tempo, não como um borrão com outra pergunta, e para reconhecê-la. Ensinar que jamais se faz uma segunda pergunta até que se tenha recebido uma resposta para o que foi feita.

COMANDOS: "Os peixes nadam?" ou "Os pássaros voam?"

POSIÇÃO: Estudante e ajudante sentados a uma distância confortável.

ÊNFASE DO TREINO: Uma pergunta e reconhecimento da sua resposta, pelo estudante, numa unidade de tempo, a qual é então terminada. Manter o estudante fora de desvios no sentido de variar o comando. Apesar de ser feita a mesma pergunta, ela é feita como se jamais tivesse ocorrido a alguém anteriormente.

O estudante precisa aprender a dar um comando e receber uma resposta e a reconhecê-la numa unidade de tempo. O estudante recebe "falha" se deixar de obter uma resposta para a pergunta feita, se deixar de repetir a pergunta exata, ou se Q & A (sistema de perguntar a respeito de uma resposta) com desvios feitos pelo ajudante.

MODELO: O ajudante usa "começa" e "pronto" como nos TRs anteriores. O ajudante não é

obrigado, depois de começar, a responder à pergunta do estudante, podendo ter intervalos de comunicação, ou dar um tipo de resposta-comentário, para pôr o estudante fora da linha. Frequentemente, deve responder. Menos frequentemente, deve tentar arrastar o estudante para o estudante para um Q & A ou perturbá-lo. Exemplo:

Estudante:	"Os peixes nadam?"
Ajudante:	"Sim."
Estudante:	"Muito bem."
Estudante:	"Os peixes nadam?"
Ajudante:	"Tens fome?"
Estudante:	"Estou."
Ajudante:	"Falha."

Quando a pergunta não é respondida, o estudante deve dizer brandamente "Eu vou repetir a pergunta de audição.", e fazê-lo até obter uma resposta. Qualquer coisa excepto os comandos, o reconhecimento e, se necessário, a declaração de repetição, recebe "falha". O uso desnecessário da declaração de repetição, recebe "falha". Um comando mal dado recebe "falha". Um Q & A recebe "falha" (como no exemplo). "Emoções Negativas" ou confusão do estudante recebe "falha". Deixar passar um longo intervalo antes de dar o próximo comando recebe "falha". Falta de reconhecimento (ou com intervalo de comunicação apreciável) recebe "falha". Quaisquer palavras do ajudante, excepto uma resposta à pergunta, "começa", "falha", "muito bem" ou "pronto" não deverão ter influência sobre o estudante, a não ser para fazê-lo dar uma declaração de repetição e dar o comando novamente. Por declaração de repetição queremos dizer "eu vou repetir o comando de audição".

"Começa", "falha", "muito bem" e "pronto" não podem ser usados para confundir ou pegar o estudante. Qualquer outra declaração poderá. O ajudante pode tentar levantar-se da cadeira neste exercício. Se o conseguir é uma "falha". O ajudante não deve usar declarações introvertidas, tais como: "Eu acabei de ter uma cognição." Declarações "atrapalhativas" do ajudante devem todas referir-se ao estudante e devem ter por intenção fazer o estudante sair fora da linha e fazê-lo perder o controle da sessão ou a sequência do que estava a fazer.



A missão do estudante é manter uma sessão em curso apesar de qualquer acontecimento, usando apenas o comando, a declaração de repetição, ou o reconhecimento.

O estudante pode usar as mãos para impedir um "abandono" (partida - "blow") da parte do ajudante. Se o estudante fizer qualquer coisa além do que está acima, é uma falha e o ajudante deve apontá-la.

HISTÓRICO: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, em Abril de 1956 para superar variações e mudanças súbitas nas sessões. Revisto em 1964, por L. Ron Hubbard. O antigo TR tinha uma ponte de comunicação como parte do seu treino, porém isto agora faz parte e é ensinado no Modelo de Sessão e não é mais necessário neste nível. Os auditores têm sido fracos em obter respostas para as suas perguntas. Este TR foi refeito para melhorar esta fraqueza.

NÚMERO: TR 4 **REVISTO EM 1961**

NOME: Originações do preclaro

PROPÓSITO: Ensinar um estudante a não ficar sem saber o que dizer, ou ficar surpreendido ou atirado para fora de sessão, por originações do preclaro e para manter ARC com o preclaro durante uma originação.

COMANDOS: O estudante faz "Os peixes nadam?" ou "Os pássaros voam?" com o ajudante. O ajudante responde, porém de vez em quando faz observações surpreendentes extraídas de uma lista preparada, fornecida pelo supervisor. O estudante precisa lidar com as originações de maneira que satisfaça ao ajudante.

POSIÇÃO: Estudante e ajudante sentam-se um em frente do outro a uma distância confortável.

ÊNFASE DO TREINO: Ensina-se o estudante a ouvir a originação e a fazer três coisas: 1. Compreendê-la; 2. Dar o reconhecimento; 3. Retornar o preclaro para sessão. Se o ajudante sentir que o estudante está a ser abrupto, ou a levar muito tempo, ou a

não compreender, corrija-o, para que ele saiba lidar melhor com a situação.

MODELO: Todas as originações referem-se ao ajudante, às suas ideias, reacções, dificuldades, etc.. Nenhuma se refere ao auditor. Sem ser isto, o modelo é o mesmo dos TRs anteriores. O modelo do estudante governa-se por: 1. Esclarecer e compreender a originação; 2. Dar-lhe reconhecimento; 3. Dar a declaração de repetição: "Eu vou repetir o comando de audição", e repeti-lo. Qualquer coisa além disso é uma falha.

É preciso ensinar ao auditor como evitar quebras de ARC e a distinguir entre um problema vital que preocupa o pc, e um mero esforço para abandonar a sessão. (TR 3 Revisto). Falhas são declaradas se o estudante fizer algo além de: 1. Compreender; 2. Dar-lhe reconhecimento; 3. Retornar o pc para sessão.

O ajudante pode lançar comentários pessoais sobre o estudante como no TR 3. O facto de o estudante deixar de reconhecê-los como tais, não os distinguindo (tentando lidar com eles) de observações referentes a si próprio como "pc", é uma falha.

O estudante deixar de persistir é sempre uma falha em qualquer TR, porém o é ainda mais aqui. O ajudante não deve estar a ler uma lista quando estiver a originar, como também não deve estar sempre a olhar para o estudante, quando estiver para fazer um comentário. Por originação, quer-se dizer: Uma declaração ou observação que se refira ao estado do ajudante ou ao caso representado. Por comentário, quer-se dizer: Uma declaração ou comentário dirigido somente ao estudante ou à sala. Lida-se com originações. Comentários são ignorados pelo estudante.

HISTÓRICO: Desenvolvido por L. Ron Hubbard, em Londres, em Abril de 1956, para ensinar os auditores a permanecer em sessão quando o preclaro sai fora. Revisto por L. Ron Hubbard em 1961 para ensinar a um auditor algo mais a respeito de como lidar com originações e evitar quebras de ARC.

Como o TR 3 faz parte dos CCH's, pode ser ignorado nos TRs no curso de Comunicação, apesar



do seu aparecimento em listas anteriores para estudantes e auditores.

NOTA DE TREINO: É melhor passar por estes TRs diversas vezes e ir cada vez apertando mais, do que ficar um tempo enorme ou ser tão duro logo no início que o estudante decaia na sua capacidade.

B-30/3/73

COMO LIDAR COM ORIGINAÇÕES

Extraído do Boletim do Auditor Profissional N.º 151

ETAPA QUATRO

O que quer dizer uma originação do Preclaro? Ele apresenta voluntariamente algo de seu e, sabe que isto é um óptimo indício de caso, quando a pessoa apresenta espontaneamente algo por si próprio? Um Auditor dos velhos tempos usava isto como um índice de caso. Dizia: "Este fulano não está a melhorar. Não ofereceu nada ainda." Ele não originou, não originou uma comunicação.

Assim, lembre-se que o preclaro está tão bem quanto pode originar uma comunicação. Isto quer dizer que pode ficar no ponto de Causa da fórmula de comunicação. E esse é um ponto desejável para ele alcançar.

Mas que quer dizer do mundo aí fora, o mundo que é ambulante, que se move em volta e gira calma ou ruidosamente, conforme o caso? E nele, tem alguma vez de se lidar com uma originação? Bem, ouso dizer que em toda a discussão na qual se entra é porque houve uma originação que não foi manejada. Sempre que se entra numa dificuldade com alguém, pode-se seguir de volta a pista ao longo da linha com que não se lidou. Se alguém entra e diz: "Bolas! Acabo de passar com a nota mais alta da escola" e outro diz: "Estou com uma fome danada, vamos sair para comer?", isto vai acabar em briga. Ele sente-se ignorado. Originou uma comunicação para que o outro lhe provasse que ele estava lá e era sólido. A maioria dos garotos ficam frenéticos com os pais quando estes não lidam apropriadamente com as suas originações. O lidar com uma originação é dizer tão-somente à pessoa: "Está bem, eu ouvi, estás aí." Pode-se dizê-lo na forma de um reconhecimento, mas não é, é o reverso da fórmula de comunicação; mas o Auditor, se lida com a originação ainda está no controle, de outro modo, a fórmula de comunicação sai do seu controle e ele fica no ponto de efeito, e não mais no ponto de causa. Um auditor continua no ponto de causa.

Assim, passemos uma vista nisto. O manejo de uma originação tem um grande uso e, até recentemente, era a etapa menos padronizada em Cientologia. Como se lidava com uma originação? Finalmente descobrimos. Finalmente tive, eu próprio, uma cognição. Tentei por muito tempo comunicar isto às pessoas e elas ocasionalmente ainda cometiam erros a este respeito. E finalmente descobri algo que parecia comunicar.

Há três etapas ao lidar com uma originação. Eis aqui a disposição. O preclaro está sentado numa cadeira e o auditor está sentado em frente do Preclaro, o auditor diz "Os peixes nadam?" ou "Os pássaros voam?". O preclaro diz "Sim.". Agora aqui entra o factor. "Os peixes nadam?" o preclaro diz "Sabe? O seu vestido está a arder" ou "Estou a dois metros e meio atrás da minha cabeça", ou "É verdade que todos os gatos pesam um quilo e oitocentos gramas?". Que estranho, que estranho, de onde veio isto? Bem, embora seja usualmente circuito ou algo semelhante em funcionamento, estando tão fora do assunto é, contudo, uma originação. Como se trata disso? Bem, não se pretende que o preclaro saia de sessão, mas ele sairia se isto fosse lidado de modo errado, assim: 1. Responde-se; 2. Mantém-se ARC (não se perde muito tempo com isso, mas apenas se mantém ARC); e 3. Põe-se o preclaro de volta no processo. Um, dois, três. E se se empregar muito tempo em dois, estar-se-á agindo errado.

O que é uma originação? Muito bem, ele diz "Estou dois metros e meio atrás da minha cabeça." É uma originação; o que se deve fazer com isto? Bem, deve-se responder. Neste caso particular, dir-se-ia qualquer coisa como "Está?" (isto quer dizer algo como "Ouvi a comunicação, causou um efeito em mim"). Agora mantendo ARC pode-se resumir esse dois se se lidar com o três com bastante perícia. O menos importante é o dois, mas a coisa mais mortal que se pode fazer é negligenciar totalmente em manter ARC no dois. É mortal. Mas pode-se omitir isto se se empurrar para o três, isto é,



colocá-lo de novo em sessão. Assim, ele diz: "Estou a dois metros e meio atrás da minha cabeça" e você diz: "ESTÁ???" (o que ele disse atingiu mesmo). Ele não sabe muito acerca disto, não está seguro do que é. Você diz: "Está?" e o fulano diz: "Sim."

"Bem", diz você "O que é que eu disse que fez com que isso acontecesse?"

"Oh, você disse 'Os pássaros voam?' e eu pensei em mim mesmo como um pássaro e imagino que é assim, mas estou a dois metros e meio atrás da minha cabeça."

"Bem, isso é bastante vulgar" diz você animando-o, mantendo ARC. "Agora, qual era a pergunta de audição?"

"Oh, você perguntou 'Os pássaros voam?'"

E você diz: "É verdade, os pássaros voam?"

De volta para sessão, está a ver?

Não se pode, contudo colocar isto dentro de uma lata, rotulá-la e dizer: "É assim que se faz sempre.", porque é sempre algo peculiar; mas pode-se dizer que estas três etapas são seguidas.

Vou dar outro exemplo. Você diz: "Os pássaros voam?" e ele diz: "Estou com uma dor de cabeça de cegar."

"Está?", diz você. "Está a incomodar (isto é ARC) demais para continuar com a sessão (e chegou ao número três imediatamente)?"

"Oh, não, mas está bem forte."

"Bem, vamos continuar com isto, está bem?" diz você. "Talvez faça alguma coisa para isso (mantendo o ARC)."

Ele diz: "Bem, está bem" e você está logo de volta com "Os pássaros voam?"

Um dos mais ardilosos destes é: "O que é que na minha pergunta o fez lembrar disso?" O fulano diz: "Bem, isto e aquilo" e explica-lhe e você diz: "Bem, está bem. Os pássaros voam?" e está logo de volta à sessão.

Três partes, e, isso é a coisa importante, você tem de aprender como lidar com estas coisas.